



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Práticas discursivas e concepção/ensino-aprendizagem de língua(s) na contemporaneidade

Sinop, v. 10, n. 2 (27. ed.), p. 700-710, ago./dez. 2019

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO:

a afetividade como promoção da saúde mental dos acadêmicos¹

TEACHER-STUDENT RELATIONSHIP:

affectivity as promotion of the college students' mental health

Amanda Lima de Oliveira

RESUMO

O artigo aborda a afetividade na relação professor-aluno como possibilidade de promoção da saúde mental dos estudantes do Curso de Pedagogia. Teve como objetivo compreender se, na relação professor-aluno, o modo como os estudantes são afetados interfere na saúde mental destes. A pesquisa teve como aporte teórico os estudos de Espinosa e Paulo Freire. O estudo de caso teve abordagem qualitativa, foi realizado no município de Sinop, Mato Grosso, com três acadêmicos do Curso de Pedagogia de um campus da Universidade do Estado de Mato Grosso no ano de 2019. Concluiu-se que, a relação professor-aluno pautada na afetividade promove a saúde mental dos acadêmicos e, na ausência da afetividade a promoção da saúde mental é prejudicada.

Palavras-chave: Ensino Superior. Afetividade. Saúde mental. Universitários. Paulo Freire.

ABSTRACT²

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: a afetividade como promoção do bem-estar dos estudantes do Curso de Pedagogia**, sob a orientação do Prof. Dr. Josivaldo Constantino dos Santos, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2019/1.

This article addresses affectivity in the teacher-student relationship as a possibility to promote the mental health of Pedagogy undergraduate students. It aimed to understand if within teacher-student relationship the way that students are affected interferes with their mental health. The research has as theoretical foundation the studies of Espinosa and Paulo Freire. The study case had a qualitative approach and was carried out in Sinop city, Mato Grosso state whose the subjects were three college students from the Pedagogy undergraduate Course at the University of Mato Grosso State in 2019. It was concluded that the teacher-student relationship based on affectivity promotes the mental health of the students, but in the absence of affectivity, the promotion of mental health is impaired.

Keywords: Higher Education . Affectivity. Mental health. College students. Paulo Freire.

Correspondência:

Amanda Lima de Oliveira. Graduada em Filosofia, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), 2011. Especialista em Assistência Interdisciplinar em Saúde Mental, Álcool e outras drogas, Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), 2018. Graduada em Pedagogia, Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) de 2016 a 2017. Atualmente é bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica (PROBIC) e membra da Rede de Pesquisadores em Políticas Públicas, Estado e Formação Humana - REDE RPPPEFH. Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: limaphilia@gmail.com

Recebido em: 23 de outubro de 2019.

Aprovado em: 25 de outubro de 2019.

Link: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/3722/2605>

1 INTRODUÇÃO

Num tempo em que impera a competitividade, o egoísmo e a fugacidade das relações, é imprescindível falar sobre amor, afeto e emoções no cenário educacional. Nesse contexto, o presente trabalho busca analisar, na relação

² Resumo traduzido pela Professora Mestra Betsemens Barboza de Souza Marcelino. Professora interina do curso de Letras da UNEMAT/Sinop. Mestra em Estudos de Linguagem pela UFMT/Cuiabá, 2015. Graduada em Licenciatura Plena em Letras, Português/Inglês pela UNEMAT/Sinop, 2013.

professor-aluno, como a afetividade pode promover a saúde mental dos estudantes universitários. A literatura tem apresentado que a relação professor-aluno pode afetar diretamente o desempenho do educando. De acordo com Paulo Freire não há como fazer educação se não existir esse olhar humano, afetivo, pois “a atividade docente de que a discente não se separa é uma experiência alegre por natureza” (FREIRE, 2017, p. 139). Desse modo, é relevante analisar como esta relação pode promover a saúde mental dos estudantes. Para tal, dialogaremos com Paulo Freire (1992; 2017), Espinosa (2018), Estanislau e Bressan (2014), dentre outros autores que apresentam a necessidade de um olhar afetivo e amoroso na relação com o outro, promovendo, desse modo, a saúde mental dos sujeitos.

Como aponta Rosangela da Costa Morais em seu elegante trabalho “O prazer em ensinar na docência”, publicado em 2018, há na literatura relatos sobre a temática da afetividade na relação professor-aluno, porém na perspectiva de sua importância para o processo ensino-aprendizagem, contudo para nosso conhecimento, não há relatos que abordem a temática afetividade com relação professor-aluno mostrando o impacto desta sobre a saúde mental dos acadêmicos.

2 AFETOS E SAÚDE MENTAL

Na compreensão da indissociável relação entre razão e afeto, Paulo Freire traz uma importante contribuição ao defender uma educação fundada na amorosidade, no diálogo e na afetividade.

Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio mais distante e ‘cinzento’ me ponha nas minhas relações com os alunos no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade (FREIRE, 2017, p. 138).

O educando precisa ser visto na sua integralidade, respeitando seus saberes, dando espaço para sua voz, visto que, “o clima de respeito que nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente, autentica o caráter formador do espaço pedagógico” (FREIRE, 2017, p. 90). E isso só será possível se o educador tiver a

afetividade, a amorosidade como elementos fundamentais na relação com o educando.

Nessa mesma perspectiva o filósofo Spinoza, nos presenteia com uma visão na qual, os afetos são “afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções” (SPINOZA, 2018, p. 98). A vida é permeada por relações, nos relacionamos com o mundo, com os outros e conosco mesmo. Nessas relações somos afetados de alguma maneira, seja positiva ou negativamente, e também afetamos o outro corpo, ou seja, reagimos afetivamente. É nessa concepção de afeto que o presente trabalho se alicerça.

A partir da nossa relação com o outro, a nossa potência de agir pode ser estimulada ou refreada, a depender de como essa relação irá nos afetar. “A variação positiva da potência de agir — ou seja, sua passagem a uma maior perfeição ou força de existir — constitui a alegria, enquanto sua variação negativa — isto é, sua passagem a uma menor perfeição ou força de existir — constitui a tristeza” (GLEIZER, 2005, p. 35). Por consequência, buscamos permanecer nesse estado de maior perfeição. A esse esforço Spinoza chamou de *Conatus*. “O *conatus* humano, portanto, não é apenas um princípio de autoconservação, mas também de auto-expansão e realização de tudo o que está contido em sua essência singular” (GLEIZER, 2005, p. 31).

Com base no conceito de *conatus*, faço uma reflexão da relação acerca deste com o conceito de *ser mais* de Paulo Freire. O *ser mais* consiste num processo de “humanização como vocação ontológica do ser humano” (FREIRE, 1992, p. 51). Podemos dizer que esse esforço de auto-expansão e realização é o mesmo esforço que os seres humanos “passam a vida toda modificando-se na busca de completar-se como pessoas” (BARRETO, 1998, p. 58). Por sermos inconclusos, estamos sempre num processo de desenvolvimento, de busca pela auto realização, que ocorre nas relações que mantemos com o mundo, com os outros e conosco. No entanto, nessas relações, podemos encontrar obstáculos que nos impedem de *ser mais*, podemos ser afetados de maneira negativa, de modo a nos inferiorizar, diminuindo nossa potência de agir. Desse modo, numa relação onde o outro nos afeta negativamente, diminuindo nossa potência de agir, nossa vontade de existir, o *conatus* é diminuído, tal como o processo de busca pelo ser mais é oprimido.

Neste contexto, compreender os fatores oriundos da relação professor-aluno, no processo ensino-aprendizagem, que impactam a saúde mental do aluno, ou seja sua vontade de existir, se faz necessário nos dias atuais onde prevalece a competitividade, egoísmo e fugacidade das relações.

No âmbito da intersetorialidade saúde-educação, é importante ressaltar que quando há um trabalho saúde-educação de maneira integrada, os ganhos à saúde do acadêmico são significativos, uma vez que isso potencializa os fatores de proteção ligados especificamente à saúde mental (VIEIRA *et al*, 2014). Por saúde mental, vamos compreender “[...] a capacidade de se alcançar e se manter um funcionamento psicossocial e um estado de bem-estar em níveis ótimos” (WHO, 2005 *apud* BRESSAN *et al*, 2014, p. 39). Vale salientar que “A promoção de saúde mental acontece em ações que estimulam as potencialidades de uma pessoa (ou de um grupo de pessoas) em busca de fortalecimento de aspectos saudáveis” (BRESSAN *et al*, 2014, p. 41). Desse modo, na relação professor-aluno, o professor tem a oportunidade de promover a saúde mental do aluno, através de atitudes que fortaleçam sua potência de agir. Esse fortalecimento se dá

[...] ao desenvolverem vínculos baseados na afetividade, na empatia, na escuta reflexiva e respeitosa, na consideração pelas qualidades do aluno visando ao fortalecimento de sua autoestima, etc. Os professores influenciam positivamente quando interagem de forma motivadora e criativa, informando e encorajando nas tomadas de decisão, fomentando a autonomia, sem recorrer a regras e dogmas preestabelecidos que possam defasar-se com o tempo (VIEIRA *et al*, 2014, p. 20).

Compreendemos assim que os fatores de proteção para a promoção da saúde mental, enquanto aqueles que fortalecem os aspectos positivos do indivíduo, seriam, nessa perspectiva, um afeto positivo, na medida em que potencializa a vontade de existir. A exemplo disso, uma relação alegre entre professor e aluno, na qual o professor busque valorizar a singularidade do acadêmico, relacionando-se com ele de modo a potencializar seus atributos.

3 O CAMINHO DA PESQUISA

A presente pesquisa foi desenvolvida através da abordagem qualitativa, buscando compreender como a afetividade na relação professor-aluno pode

contribuir para a promoção da saúde mental dos educandos. “A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 32). O procedimento da pesquisa utilizado foi o estudo de caso.

A pesquisa foi realizada em um Campus da Universidade do Estado de Mato Grosso, com duas alunas do Curso de Pedagogia, para assegurar o anonimato das mesmas, usou-se nomes de aves (Sabiá e Andorinha). Usou-se como critério de inclusão o fato das alunas estarem matriculadas entre a quinta e sétima fase, terem disponibilidade e aceitarem a gravação da entrevista. A coleta de dados se deu através de entrevistas, uma vez que esta é uma técnica que garante ao pesquisador o registro mais fidedigno do seu entrevistado (GIL, 1987).

4 AS VOZES DOS SUJEITOS

A acadêmica Sabiá traz nos seus relatos uma importante constatação de como o acadêmico sente-se afetado na relação professor-aluno.

(01) Sabiá: [...] teve um professor que era uma disciplina que a gente tinha bastante dificuldade, a turma no geral, e ele falou bem assim, “gente, isso aqui é básico, se vocês não sabem isso aqui, vocês podem desistir da faculdade”. [...] nossa, pesadão pra você escutar isso de um professor [...] a gente ficava meio que travado. [...] “você, fala o que você aprendeu”, nossa, eu travava, gaguejava, era pra eu ler, parecia que eu não era alfabetizada, não conseguia ler, travava mesmo e [...] era só na matéria dele que eu não conseguia ler, que eu não conseguia me expressar, não conseguia falar muito bem, nossa, eu gaguejava muito, meu Deus, ficava muito nervosa, boca seca, sabe? Bem difícil e, afeta, porque da mesma maneira como eles falam, eles sempre colocam pra gente, se você traumatiza a criança, “não, não é assim, tá errado, faz de novo”, traumatiza o adulto também, tipo assim, a gente é mais maduro, a gente é adulto, mas a gente tem sentimentos.

Com base no que expõe Sabiá, é evidente que a relação professor-aluno, quando se dá com ausência de amorosidade e cuidado para com o outro, afeta

negativamente a saúde mental do acadêmico, uma vez que esta é promovida em relações onde as potencialidades do outro são estimuladas (BRESSAN *et al*, 2014). Aqui se percebe que não houve motivação por parte do professor. A fala do professor enfraqueceu as potencialidades dos acadêmicos, que é retratado quando Sabiá afirma que ela e os colegas ficaram ‘travados’. Segundo Freire (2017, p. 90),

A arrogância farisaica, malvada, com que julga os outros e a indulgência macia com que se julga ou com que julga os seus. A arrogância que nega a generosidade nega também a humildade, que não é virtude dos que ofendem nem tampouco dos que se regozijam com sua humilhação. O clima de respeito que nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente, autentica o caráter formador do espaço pedagógico.

Diante da concepção espinosiana, o encontro com esse professor é um afeto triste, que diminui a vontade de existir, diminui o *conatus*, provoca uma passagem a uma menor perfeição. Na ótica de Freire, esse encontro é um obstáculo que impede o sujeito de “ser mais”, que vai contra o processo de humanização.

O respeito à fala do acadêmico é um modo de reconhecê-lo na sua legitimidade, de dar voz ao sujeito e de corporificar uma relação horizontal. “Se me sinto superior ao diferente, não importa quem seja, recuso *escutá-lo* ou *escutá-la*. O diferente não é o *outro* a merecer respeito, é um *isto* ou *aquilo*, destratável ou desprezível” (FREIRE, 2017, p. 118).

Para Sabiá, a forma do professor chamar a atenção dos acadêmicos é um afeto negativo, já que a mesma enfatizou que tal atitude provocou um turbilhão de sentimentos negativos nos acadêmicos, levando-os a se sentirem incapacitados.

(02) Sabiá: [...] Chama no cantinho né? Isso faz toda diferença, porque o aluno se sente importante. Agora se você chama atenção na frente de todo mundo, de uma maneira grossa, tipo assim [...] “nossa, meu Deus, eu não sou nada, eu sou um burro mesmo, eu não consigo falar, como eu vou apresentar o meu TCC? [...] então eu vou trancar”.

Nesse relato, Sabiá expressa de modo fidedigno uma relação na qual o sujeito não é aceito e respeitado na sua singularidade, e portanto, alimenta um sentimento de inferioridade e desprezo por si mesmo. Com efeito, o papel do

professor em relação a saúde mental do aluno é significativo, podendo afetar negativamente, ou promover a saúde mental dos acadêmicos, a depender do modo como a relação será constituída.

A identidade de um jovem vai se estruturando conforme ele vai desenvolvendo um autoconceito (ou seja, criando uma impressão ampla e objetiva de suas qualidades, defeitos, objetivos na vida, história de vida pessoal, etc.) e definindo sua autoestima, que é o que a pessoa sente a respeito do seu autoconceito. (JACOWSKI *et al*, 2014, p. 98).

Do mesmo modo como o acadêmico pode ser afetado, na relação com o professor, a ponto de sentir-se traumatizado e apresentar sintomas de sofrimento psicológico, a atitude do professor também pode ser um suporte para lidar com os problemas vivenciados no ambiente universitário. A exemplo disso, vejamos o relato da acadêmica Andorinha, que apresenta como o professor, na relação com o acadêmico, pode promover a saúde deste.

(03) Andorinha: O professor “B” [...] você pode chegar lá com mil e uma coisa ele “relaxa, você dá conta”, “fica tranquila, vai fazendo com calma, como você pode” [...] assim, ele dá aquela paz, quando você chega em casa e fala “não vou me preocupar tanto, não vou ter aquelas crises em casa”. [...] Ansiedade, de virar a noite fazendo as coisas e, às vezes terminar até antes do prazo, coisas que eu poderia ter feito com calma, saído [...] assim, às vezes virar a noite estressada, aí quando eu fico estressada eu não como, aí ataca minha gastrite, aí começo a ter náuseas, entendeu? [...] só que o professor “B”, até [...] um dos motivos que fez eu escolher ele como orientador, por conta dessa tranquilidade que ele passa.

Andorinha relata que já está afetada negativamente pelo ambiente acadêmico, no entanto, a atitude do professor “B” é para ela um suporte para encarar os desafios desse ambiente. No momento em que o professor conversa com ela de forma calma e otimista, mostrando-a sua capacidade, ela consegue ter tranquilidade, inclusive, para lidar com suas crises. Esse é um relato preciso de como o professor pode, através de uma prática fundada na afetividade, promover a saúde mental dos acadêmicos. O encontro com esse professor, é um encontro alegre, que estimula as potencialidades da acadêmica.

Diante das evidências aqui expostas, é enfático dizer que o “estudante universitário enfrenta uma variedade de condições de risco para sua saúde mental e bem-estar” (CASTRO, 2017, p. 394). Por outro lado, é também verdade que o professor pode manifestar-se como um apoio ao acadêmico, construindo uma relação de afetividade e respeito.

A experiência acadêmica pode se constituir como um desafio que se apresenta para o estudante, podendo influenciar no seu relacionamento interpessoal com outros alunos, professores, e demais pessoas que participam da instituição; na sua autonomia e criação de padrões de autoavaliação durante a sua formação; na capacidade de lidar e participar do meio universitário, criando ou escolhendo ambientes adequados às suas características psíquicas. (CASTRO, 2017, p. 381).

Na perspectiva da relação professor-aluno em uma ótica spinosiana e freireana, é notório na fala de Sabiá e Andorinha que quando o encontro com o professor é positivo, isso promove um bem-estar ao sujeito, visto que aumenta seu *conatus*, assim como também favorece o processo do *ser mais*.

Por um lado, o encontro em que o professor afeta positivamente o acadêmico, motivando-o, suas potencialidades são estimuladas o que leva-o a se sentir capaz de se desenvolver e permanecer na sua busca pelo *ser mais*. Por outro, quando o professor afeta negativamente o acadêmico, isso o desencoraja, reduzindo seu *conatus* e oprimindo sua busca pelo *ser mais*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação professor-aluno é importante para a promoção da saúde mental dos estudantes, na medida em que o vínculo originado dessa relação fundamenta-se na afetividade. Aqui as acadêmicas revelaram que uma relação fundada na afetividade potencializa seus aspectos positivos, tornando-as mais confiantes, motivadas e acolhidas. Por outro lado, na ausência da afetividade na relação professor-aluno, há no acadêmico a predominância de sentimentos de desmotivação e incapacidade, o que certamente são fatores de risco desencadeadores do sofrimento psicológico.

A relação professor-aluno não pode ser constituída fundando-se apenas no aspecto cognitivo, há então a necessidade de discutir e buscar meios para fazer do espaço da sala de aula um espaço de acolhimento, de afetividade e de alegria.

Assim, espera-se que nossos resultados sensibilizem a comunidade acadêmica no intuito de discutir as questões relativas a esse tema de extrema importância.

REFERÊNCIAS

- ANDORINHA. Dados de Pesquisa. [Entrevista cedida a]: Amanda Lima de Oliveira. **Relação professor-aluno: a afetividade como promoção da saúde mental dos acadêmicos**. Sinop, UNEMAT, Curso de Pedagogia, jun. 2019.
- BARRETO, Vera. **Paulo Freire para educadores**. São Paulo: Arte e Ciência, 1998.
- BRESSAN, Rodrigo Affonseca; KIELING, Christian; ESTANISLAU, Gustavo M.; MARI, Jair de Jesus. Promoção da saúde mental e prevenção de transtornos mentais no contexto escolar. *In*: ESTANISLAU, Gustavo M; BRESSAN, Rodrigo Affonseca (org.). **Saúde mental na escola: o que os educadores devem saber**. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 37-47.
- CASTRO, Vinícius Rennó. Reflexões sobre a saúde mental do estudante universitário: estudo empírico com estudantes de uma instituição pública de ensino superior. **Revista Gestão em Foco**, v. 9, 2017. Disponível em: http://unifia.edu.br/revista_eletronica/revistas/gestao_foco/artigos/ano2017/043_saude_mental.pdf Acesso em: 13 dez. 2018.
- ESTANISLAU, Gustavo M; BRESSAN, Rodrigo Affonseca (org.). **Saúde mental na escola: o que os educadores devem saber**. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 55. ed – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989.
- GLEIZER, Marcos André. **Espinosa e a afetividade humana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- JACOWSKI, Andrea P.; LAUREANO, Mauro Regina; ESTANISLAU, Gustavo M.; MOURA, Luciana Monteiro de. Desenvolvimento normal no período escolar. *In*: ESTANISLAU, Gustavo M; BRESSAN, Rodrigo Affonseca (org.). **Saúde mental na escola: o que os educadores devem saber**. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- MORAIS, Rosângela da Costa. O prazer em ensinar na docência. **Revista Even. Pedagog.**, Sinop, v. 9, n. 1, p. 335-355, jan./jul. 2018. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/3196/2239> Acesso em: 18 set. 2019.

SABIÁ. Dados de Pesquisa. [Entrevista cedida a]: Amanda Lima de Oliveira. **Relação professor-aluno: a afetividade como promoção da saúde mental dos acadêmicos**. Sinop, UNEMAT, Curso de Pedagogia, jun. 2019.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. Unidade 2: A pesquisa científica. *In*: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

VIEIRA, Marlene A.; ESTANISLAU, Gustavo M.; BRESSAN, Rodrigo Affonseca; BORDIN, Isabel A. Saúde mental na escola. *In*: ESTANISLAU, Gustavo M.; BRESSAN, Rodrigo Affonseca (org.). **Saúde mental na escola: o que os educadores devem saber**. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 13-24.

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso (FAPEMAT) pelas bolsas de estudo que contribuíram para o meu desenvolvimento acadêmico.